

“Fronteiras”

*Antes o castigo era o exílio. Agora, a pior punição é não estar dentro nem fora.
Estar entre parêntesis. À margem, sempre à margem. Suspendidos em um fio
estreito, como equilibristas.*

Santiago Serrano

El siguiente texto esta registrado en el Registro de la Propiedad Intelectual de la República Argentina y en ARGENTORES. Es obligatorio que se solicite permiso para su puesta en escena. De no hacerlo se hará pasible de acciones legales. santiagoms_2000@yahoo.com

Um espaço vasto e vazio. No centro está parado Tonito. É um homem de mais de 40 anos. Tem a cabeça "mole". Com as duas mãos mantém uma trouxinha de roupa, é sua única bagagem.

Pela esquerda entra em cena Pascual, que traz seu frondoso carregamento. Arrasta com uma corda um baú de grandes proporções. Sobre ele leva duas valises. Coroando a pilha algo que parece um vaso.

Tonito ao vê-lo entrar olha com assombro. Quando ele chega a alguns passos, vira a cabeça indiferente.

Pascual: Pelo que vejo o senhor é o último da fila.

Tonito: (Indiferente) O primeiro, o senhor quer dizer. Basta um olhar para que se veja que não há ninguém na minha frente.

Pascual: Claro, claro... Só perguntei pra saber se eu devia ficar atrás do senhor.

Tonito: Isso depende do senhor. A liberdade é livre.

Pascual: Claro, claro... Só perguntei pra saber se é preciso esperar aqui para ser atendido.

Tonito: (Imitando) Claro, claro.

Pascual: (Irônico) Muito gentil, cavalheiro.

Pausa incômoda entre ambos. Pascual olha com estranheza para os quatro lados e não pode deixar de voltar a falar

Pascual: Não quero incomodá-lo. Mas é estranho, pelo menos pra mim, ter que esperar neste lugar. Não vejo nenhum funcionário. Onde estão os formulários para preencher? Tem certeza de que é aqui mesmo?

Tonito: (Displiscente) Tenho. Seguro que sim... quer dizer, seguro eu não estive nunca. Por acaso o senhor já?

Pascual: Seja mais direto nas respostas. Esta é a fila pra iniciar o trânsito? Faz muito tempo que está esperando? Não tem um manual de instruções?

Tonito: (Indignado) Seja menos direto com as perguntas. O senhor chega com todo este excesso de equipamento e quer ser melhor do que todo mundo. Que eu me lembre, nunca nos vimos antes. Ninguém nos apresentou. Pelo menor podia ter a gentileza de cumprimentar antes de começar com toda esta quantidade de perguntas.

Pascual: Bom dia, querido senhor.

Tonito: Bom dia. **(Pausa)**

Pascual: E aí?

Tonito: E aí, o que?

Pascual: Quanto tempo você está esperando que te atendam aqui?

Tonito: Um tempo médio para este tipo de trâmite.

Pascual: Se tivesse começado por aí... Eu fico tranquilo de saber que o senhor é uma pessoa experiente neste tipo de mudança. Eu, é a primeira vez...

Tonito: Nesta questão ninguém tem experiência suficiente. As coisas mudam tão abruptamente. Os acordos implícitos vacilam, caem e se convertem em desacordos explícitos. As normas são tão imprevisíveis.

Pascual: Como assim tão imprevisíveis?

Tonito: Que os limites se tornem permeáveis ou impermeáveis depende de tantas contingências. Tem sempre fronteiras que, dispostas como cortesãs,

podem tornar-se virgens impenetráveis de um momento para o outro. E também o contrário, te garanto.

Pascual: A verdade é que eu não consigo te acompanhar.

Tonito: As relações entre os países apresentam uma variedade ainda mais estranha do que a do Kamasutra.

Pascual: Você acha?

Tonito: Os fluidos humanos que vêm... que vão... que se deixa sair... que têm a entrada proibida... etc...etc..

Pascual: Eu pergunto: Um país pode ser ejaculador precoce, então?

Tonito: Conheci alguns impotentes com seus habitantes. Outros deles, fiéis amantes de seus cidadãos. Claro que também existem os histéricos, sempre prometendo mais do que dão. Suponho que ejaculadores precoces também existam.

Pascual: O meu, sem dúvida! Tem toda a potência, mas ele não pode evitar ejacular cérebros, mão de obra barata, artistas, esportistas... Não suporta engendrar e engendrar-se.

Tonito: Do que eu venho, em troca, a aridez é tanta, que ele não conheceu o prazer de uma ereção. Terra erma.

Pascual: É muito interessante a sua lição de geopolítica sexual ilustrada, mas...

Tonito: Mas o que?

Pascual: Continua sem aparecer nenhum funcionário. E se este não for o lugar para iniciar o trânsito?

Tonito: Relaxa, homem. Se te tranqüiliza esperaremos um pouco aqui e se ninguém vier pararemos ali. **(Mostra outro ponto do cenário)** E se ali

tampouco tivermos sorte mudaremos para lá... ou para lá... Cedo ou tarde um deles aparecerá.

Pascual: Queria acreditar...

Tonito: Em algum ponto temos avançado. Agora pelo menos temos uma fila formada. Um primeiro e um último. Imagine o terrível que seria estar sozinho, num lugar improvável, num trâmite desconhecido.

Pascual: O senhor fala com tanta segurança...

Tonito: Fique tranqüilo.

Pascual: É verdade, é o melhor. **(Começa a mexer nas valises. Utiliza a mala media como cadeira. A pequena coloca como apoio para os pés)**
Minhas pernas estão inchando. **(Coloca o suposto jarro sobre o baú)**

Tonito: Levou a sério o que falei de ficar tranqüilo.

Pascual: Foi muito amável. Desculpe minha ansiedade do principio. É tão importante isso tudo para mim. Tantos sonhos dependem deste trânsito. Suponho que você também terá seus sonhos.

Tonito: Eu? Não. Fui matando os sonhos um a um. Como poderá supor não me refiro aos sonhos noturnos já que afortunadamente se suicidam a cada manhã. Falo dos sonhos profundos da vigília. Devo dizer que no começo dói, mas depois... é como matar moscas.

Pascual: Matar moscas?

Tonito: Você vê o sonho voar, sente o zumbido ao redor da cabeça até que o sonho vai perdendo vigor. O sonho fica tonto de tanto girar e... então tudo é fácil. De um só golpe! Matar velhos sonhos é simples. Com os jovens é mais difícil, se defendem, mordem. Tem que ser selvagemmente

cruel com eles para exterminá-los. Imagine como seria catastrófico morrermos com algum desses sonhos juvenis cravados na carne. Não haveria descanso em paz. Ficaríamos ansiosos o resto da morte.

Pascual: Exterminador de sonhos, e me diga uma coisa: o que se faz com tantos sonhos falecidos? Enterra-se. Constrói velhos mausoléus de mármore em sua honra?

Tonito: Prefiro incinerá-los e que se convertam em fumaça ou nuvem. Não vou negar que são belos, mas desequilibram a paisagem. A gente se frustra.

Pascual: Se o senhor está dizendo. Demoram muito. A gente tem que reclamar. É preciso dizer a eles que não somos gado, que merecemos respeito. Somos seres humanos como eles.

Tonito: Tenha cuidado que você está começando a sonhar. Mate esse sonho enquanto pode.

Pascual: Quero que me atendam! **(grita)** Será que ninguém vai nos atender? Senhores?!

Tonito: Não faça isso que será pior. Lembra que estamos nas mãos deles... E se não nos deixam passar?

Pascual: É uma questão de dignidade.

Tonito: Essa eu matei tem tempo. Doeu, mas foi uma libertação.

Pascual: Se matou os sonhos e a dignidade, para que quer cruzar a fronteira?

Tonito: Não tenho sonhos nem dignidade, mas não sou louco, amigo. A minha é uma questão alimentícia. Sabe quanto custa aqui o quilo de batata? Do outro lado, menos da metade. O estômago é o estômago. A ele não se

pode matar sem perder a vida. Os sonhos e a dignidade não são artigos de primeira necessidade.

Pascual: Mas onde estão? Por que não vem ninguém para nos atender?!

Tonito: Estarão tomando café, almoçando, merendando ou quem sabe jantando. Não tenho a mais mínima idéia da hora.

Pascual: Matou o relógio também?

Tonito: Eu o empenhei. O estômago, senhor. O estômago, esse tirano.

Pascual: Estou certo de que o que eles querem é nos desalentar. Eu fico aqui, com todas as minhas coisas até que se dignem a aparecer.

Tonito: Traz muita bagagem.

Pascual: Já vivi muito...

Tonito: Eu só levo esse volume pequeno. Facilita a saída e a entrada. Há que ser prático.

Pascual: Tanto desapego...

Tonito: Uma muda de roupa. Uma escova de dentes. O barbeador. Ah ... e um rolo de papel higiênico para as emergências, nada mais.

Pascual: Admiro-te a síntese.

Tonito: Bom, amigo, eu acho que o senhor nem mesmo tentou. Não quero ser atrevido, mas até um jarro você trouxe. Para que você pode precisar disso?

Pascual: Não é um jarro, senhor. É uma urna funerária.

Tonito: Urna funerária? E eu te parecia estranho... Para que você precisa disso? O senhor é um homem jovem ainda. Não se antecipa um pouco aos

acontecimentos? Além disso, do outro lado é certo que existem urnas a quase a metade do preço.

Pascual: Não é para mim.

Tonito: Então... não quero ser intrometido mas...

Pascual: Você é.

Tonito: Desculpe, então. Mas não pode negar que despertaria a curiosidade de qualquer um.

Pascual: Ali eu levo parte de meu passado.

Tonito: Me deixa pasmado. Quer dizer que aí dentro tem... O senhor não se priva de nada.

Pascual: Está enganado, tenho me privado de muito. Ontem mesmo fui ao panteão familiar. E estava muito consciente que não poderia levar comigo todas as urnas.

Tonito: Uma decisão acertada.

Pascual: Foi muito cruel ter que eleger. A quem levar? Eu não posso viver sem raízes. E eu espero não regressar jamais. O avô Ignacio, que morreu recordando sua terra. Ele veio para cá escapando da primeira guerra. A vó Gertrudes, traída por seus pais que vinham para ficar ricos e nunca tiveram casa própria. Meu velhinho e minha velha, que passaram à outra vida no mesmo dia e na mesma hora. Amores eram os de antes. Sem falar no meu tio Epifanio, que sendo homem morreu virgem por convicção própria e a tia Clarita, que se graduou professora do normal aos 14 anos e morreu vestindo um jaleco. O primo Benedito, Maria, minha irmãzinha, morta antes de nascer. Como escolher... Como...

Tonito: Uma tarefa difícil. Difícil... mas finalmente escolheu. **(Olha a urna com crescente curiosidade)**

Pascual: Escolhi. **(Puxa a urna para longe de Tonito)** Não quero entrar em detalhes. É melhor que falemos de outra coisa.

Tonito: Espere estimado senhor. Espere um momento... Não quero ser intrometido, mas pra ser sincero, esta história triste despertou meu interesse.

Pascual: Não sei se me fará bem continuar.

Tonito: Com certeza lhe fará bem. Quem é o escolhido?

Pascual: Peguei a urna do tio Sixto.

Tonito: De quem? Desse aí você não havia me falado.

Pascual: Foi quem, segundo toda a família, matou de desgostos a minha avó e não se conformou com isso, mas também foi funcionário público e escapou da cobrança fiscal e das poupanças familiares.

Tonito: E por que o elegeu? Eu teria jurado que escolheria a pob...

Pascual: Espere, bom homem. Peguei a urna do tio Sixto e a esvaziei na da tia Porota. Ele a odiava. Algum castigo ele teria que ter. Te asseguro que passar uma eternidade com a tia Porota não é pouca porcaria. Eu a sacudi bem, por via das dúvidas, e nela fui guardando um punhado de cada um.

Tonito: Uma espécie de reunião familiar.

Pascual: Acha que eu fiz mal?

Tonito: A gente faz o que pode

.Pascual: E o senhor, não deixa ninguém pra trás? Mortos ou vivos, digo...

Tonito: A coisa comigo é meio complexa de explicar...

Pascual: Não temos pressa. Pelo que vê, temos todo o tempo do mundo para esperar.

Tonito: Eu nasci na margem, exato. E não é simbólico o que te conto. O cordão umbilical atravessava a fronteira. Minha mãe estendida em sua terra natal e eu expulso para o estrangeiro. Dois juízes votaram, negando-me a cidadania materna. Se basearam na vontade divina. Aí começaram meus problemas. A mãe terra sempre seria para mim estrangeira e sempre ficaria do outro lado da fronteira. Entende? Sou um filho exilado ao nascer. Cruzar a fronteira foi nascer e nascer foi ser estrangeiro. Tudo isso sempre ficou girando na minha cabeça. Como um moinho na cabeça. Minha mãe me dizia: "Dorme, criança, teu sonho. Dorme do outro lado da linha. Não tenha medo da fronteira. A fronteira é um limite que protege, um dique que contém. É como a pele que envolve um corpo". Eu lhe perguntava "Um globo é uma fronteira de ar? O vento tem fronteira?". Ela, séria, respondia: "Tudo tem um princípio e um fim. Um ser e um não ser. Um dentro e um fora". Eu, assombrado, gritava: "A sombra tem fronteira!".

Pascual: Sério? Quer dizer que sua família vive do outro lado? Vai encontrar-se com eles?

Tonito: Oxalá fosse assim... Tenho cruzado tantas fronteiras ao longo da minha vida que já não me lembro qual de todas as fronteiras foi a que me pariu.

Pascual: Agora entendo porque tem pouca bagagem.

Tonito: Eu, para ser sincero, também levo algo comigo. O meu é mais simplesinho que o seu. Levo uma foto. Olhe, ela está aqui, no meu bolso. **(Entrega a foto. Aproveita a ocasião para sentar sobre uma das malas de Pascual)**

Pascual: É uma festa de aniversário.

Tonito: Eram outros tempos, veja que mesa tão sortida. Canapés. Sanduichinhos. Fizeram três tortas pra mim. O de boné à direita sou eu.

Pascual: Não teria te reconhecido.

Tonito: Estava fazendo seis anos. A gente muda. Isso é que era festa!

Pascual: Antes tudo era uma festa. Que pena que não nos avisaram que ia acabar.

Tonito: Eu adorava este boné. Guardei durante muitos anos. Eu punha ele na cabeça e por um momento era feliz. Eu cantava pra mim mesmo: "Parabéns pra você, parabéns pra você, parabéns pro Tonito". Assim que eles me chamavam. "Parabéns pra você".

Pascual: Matou os sonhos e a dignidade, mas não se atreveu a fazer o mesmo com as lembranças.

Tonito: As lembranças são as lembranças. Além do mais não ocupam muito espaço. Sabe, às vezes olho a foto e mesmo que ninguém me reconheça, eu me vejo igual. Acho que no fundo eu sigo sendo esse aí, da foto. Olhe como eu seguro a mão do meu papai e da minha mamãe. Quanta segurança! Nada podia me acontecer. Eu me pergunto por que me enganaram. Por que não me disseram que eu isso acabar assim.

Pascual: Mas não falou que a sua mãe tinha ficado do outro lado da fronteira? Que quando te pariu voltou para o estrangeiro?

Tonito: Eu disse isso?

Pascual: Há pouco tempo.

Tonito: (Surpreso, fica em pé) Tem certeza? É o problema de ter tantas lembranças, às vezes a gente..., Tem certeza de que eu disse isso? Os limites da memória e o esquecimento às vezes me confundem...

Pascual: Quando estes afortunados funcionários se dignem a aparecer, vou apresentar uma queixa formal pela péssima atenção. Não é possível que nos deixem aqui por tempo indeterminado.

Tonito: Talvez tenham outros assuntos para atender. São tempos complexos.

Pascual: Tudo isso é mais que complexo... É confuso, heterogêneo, incerto, inexplicável, denso, inescrutável, indefinido, inexpugnável e, sobretudo aleatório.

Tonito: Em uma palavra: estamos fodidos, amigo.

Pascual: Ou tudo isso é mais que simples, simplíssimo, claro, homogêneo, certo, explícito, definido, evidente, causal.

Tonito: Em outras palavras, também estamos fodidos, amigo. Isso de estar fodido é um estado tão cotidiano em mim que já não sei diferenciar matizes. Sou um fodido que vive uma vida fodida rodeado de circunstâncias fodidas... Que foda!

Tonito se deita sobre o chão e olha para o céu. Apontando com a mão.

Tonito: Olhe, uma revoada de patos. Que inveja! Esses sim que são privilegiados... Imigram quando querem. Cruzam a fronteira sem documentação nem cotas. Para eles não existem fronteiras rígidas.

Pascual: Eles vivem por instinto. Conosco é mais complicado.

Tonito: O que eu disse: privilegiados! Quando querem comer, comem. Quando querem beber, bebem. Não se perguntam nada e, sobretudo, não perguntam nada a ninguém.

Pascual: Mas eles não foram abençoados com a possibilidade de se comunicar.

Tonito: Quem disse isso?

Pascual: Se comunicarão de algum modo primitivo, mas eles não têm o maravilhoso poder de criar palavras.

Tonito: Isso é o que nos tem fodido. As palavras são trapaceiras. Criam maus entendidos. A margem de confusão se multiplica. Os patos desconhecem a palavra "fronteira" e por isso não se privam de cruzá-la todas as vezes que necessitem.

Pascual: Seja mais respeitoso com as palavras. O "verbo sagrado". Ademais, esta comparação de nós, seres falantes, com uns patinhos me parece ridícula.

Tonito: Não tão ridícula. É simples. Nós estamos detidos diante desta bendita fronteira enquanto os "patinhos", que não são nem um pouco tontinhos, vêm, claramente lá de cima que o limite não existe.

Pascual: Se não existissem as palavras como poderia estar falando e falando o dia todo, como você faz. A linguagem marca nossa superioridade.

Tonito: Enquanto os patos, os gatos, as corujinhas, os grilos, etc., etc., cruzam e cruzam... nós esperamos que uns senhores tão evoluídos como nós decidam abrir uma barreirinha imaginária... Realmente somos muito evoluídos!!!

Segunda Jornada

Tonito e Pascual se encontram em outro lugar do cenário. Passaram dias ou semanas. Pode notar-se que Pascual pegou elementos de uso diário. Uma bolsinha bordada cobre a pampa do baú. Varias fileiras de livros empilhados. Carteiras de cigarro vazias. Tonito olha Pascual ler. Aborrece-se. Tenta chamar a atenção. Finalmente...

Tonito: Lê o que?

Pascual: A historia deles. Sabe? Não difere muito da nossa. Salvo que onde eles ganharam, nós perdemos e onde eles perderam bastante, nós também perdemos.

Tonito: O passado é uma ficção.

Pascual: Ou então eles terão melhores roteiristas.

Tonito: **(Em voz baixa)** Ou melhor imprensa. Não critique tanto. E se estão nos escutando? Quem sabe toda esta espera é um tempo de quarentena para que quando cruzemos estejamos limpos de tudo. Como uma *tabula rasa*. Me dê esse livro. Talvez para que nos aceitem termos que conhecer de memória sua historia, seu hino, suas leis, seus heróis... Isso nos converteria em cidadãos.

Pascual: Não me faça rir. Se fosse assim, no meu país não ficaria um cidadão.

Tonito: Se temos que esquecer os nossos próprios heróis e abraçar outros mármores. Que venham a mim! Por uma boa comida abraço quem quer que seja.

Pascual: O senhor não tem limites.

Tonito: Já te disse: o estômago. No final das contas, os heróis já estão mortos. Por outro lado, eles já não nascem mais. Em meu país faz séculos que não temos novos próceres.

Pascual: Ultimamente não há tempo de proezas

Tonito: Será que a necessidade nos tornou covardes ou que a covardia se tornou imprescindível para nós. Claro temos tido exceções. Por exemplo, minha tia Aquilina. Viveu tão intensamente! Ela acreditava fielmente em todos os santos que existiram. Ela cometia todos os pecados e com uma vela solucionava qualquer problema de consciência. Creio que o que lhe facilitou o caminho foi ter encontrado precocemente sua vocação. Desde pequena disse que queria ser assassina e conseguiu.

Pascual: Você está falando sério?

Tonito: Dizia que assim como tinha gente que dedicava sua vida a salvar o próximo ela queria que ele se perdesse. Nunca foi uma amadora como tantos pequenos assassinos que andam por aí. Ela era uma artista na sua profissão de fé. Matar para ela era um ato deliberado.

Pascual: Prefiro as histórias de amor.

Tonito: A primeira vez que assassinou foi em defesa própria, assim que com a oferenda de três velas a São Polimorfo se absolveu de toda culpa. Claro que quando isso de matar se tornou um hábito requereu os serviços de um atacadista de velas. A vocação assassina de Aquilina fomentou o desenvolvimento da indústria de sebo e seus derivados.

Pascual: Toda grande indústria surge como tentativa de encobrir um crime.

Tonito: As fábricas cresciam e cressciam e a população minguava e minguava. O produto bruto per capita superava qualquer cálculo otimista. O desemprego era una variável inexistente. Não só dava trabalho como também auto-regulava o índice populacional. Todo o sistema funcionava às mil maravilhas. O número de velhos diminuiu e os jovens se equipararam. Uma sociedade equilibrada!

Pascual: E ninguém fez nada? A justiça não interveio??

Tonito: Que nada! O senhor é um ingênuo. Os mortos não são boas testemunhas e os vivos superalimentados têm sempre a boca cheia. Uma líder comunitária! Quando se foi todos choraram por sua partida.

Pascual: E por que ela se foi?

Tonito: Morreu. Cruzou a fronteira da morte.

Pascual: É o único consolo que temos: os assassinos impunes algum dia também morrem.

Tonito: Foi nomeada patrona do povoado. Santa Aquilina do sebo e seus derivados.

Pascual: Sabe há quanto tempo estamos aqui esperando?

Tonito: Já disse que empenhei o relógio. Dias, semanas, meses... que sei eu.

Pascual: Por momentos me parece que faz séculos... Ou segundos... O tempo é confuso na espera.

Tonito: A espera sem tempo é confusa.

Pascual: Falemos do amor.

Tonito: Não vamos começar com isto.

Pascual: As histórias me tranqüilizam. Tornam a espera suportável. Quero uma história de amor. Conte-me sobre sua primeira namorada.

Tonito: Não me tente. Já sabemos o que acontece depois...

Pascual: Ou desse amor impossível que te faz chorar de vez em quando.

Tonito: Não quero ficar sentimental.

Pascual: Ou sobre a prostituta que queria rodar bolsinha pelo senhor e te dar oitenta por cento do faturamento.

Tonito: Era setenta por cento. Não estava tão apaixonada.

Pascual: Ontem você me disse que era oitenta.

Tonito: Sempre terminamos discutindo. Quem melhor que eu para saber.

Pascual: Eu conheço muito bem as suas histórias e às vezes você as altera por puro capricho. Só te peço fidelidade ao seu passado. Essas histórias são quase minhas.

Tonito: Tentarei.

Pascual: Faz muito tempo que não aparece a terna Teresinha.

Tonito: Já tinha quase me esquecido dela.

Pascual: Nem pense nisso, é uma de minhas preferidas.

Tonito: "Teresinha Goitykola amor universitário" Título.

Pascual: Assim eu gosto. Metódico.

Tonito: Era uma terça-feira de setembro. Um recreio entre a aula de retórica e a de química. Eram duas da tarde. Sempre saía da retórica na mesma hora.

Pascual: E 15. Me disse que esse dia o professor se distraiu com Platão e terminaram mais tarde.

Tonito: (chateado) É verdade. Eram duas e quinze.

Pascual: Fidelidade!

Tonito: Era uma menina do interior. Tinha uns belíssimos olhos negros. Por trás de sua aparência de puritana se escondia um fogo intenso. Uma paixão a despertar. A olhei...

Pascual: Falta aquilo do rio.

Tonito: Que rio?

Pascual: Era como um voluptuoso rio subterrâneo que brota abruptamente quando a natureza permite.

Tonito: Isso... Isso... Quando a natureza permite.

Pascual: A olhei, ela me olhou. Seu cabelo negro brilhava emoldurando seu olhar ancestral.

Tonito: A história é minha. Isso... isso... olhar ancestral. Eu disse: "Bendita seja tua árvore genealógica porque deu um fruto tão nutritivo e saboroso como você"

Pascual: Então ela fixou os olhos nos meus e me disse:

Tonito: Obrigada, cavalheiro.

Pascual: Não! Disse: Obrigada, jovem galante. Quanta lisonja.

Tonito: A história é minha. Quanta lisonja e quanto desembaraço.

Pascual: Eu a segui com o olhar enquanto ela se afastava pelo corredor acadêmico.

Tonito: Ela se virou para mim e me jogou um beijo...

Pascual: Ósculo.

Tonito: Um ósculo com a ponta de seus dedos.

Pascual: Paralisado pela surpresa caminhei até ela como sonâmbulo.

Tonito: Ela se dirigiu até um quarto vazio...

Pascual: ... um quarto vazio. Eu penetrei na penumbra do claustro. Fico todo arrepiado. Ela estava...

Tonito: A história é minha. Eu é que fico todo arrepiado. Ela estava de pé num canto. Seus olhos de gazela me anunciavam sua entrega total.

Pascual: Caminhei.

Tonito: Shhh. ... silêncio!

Pascual: Caminhei até ela e...

Tonito: Silêncio!

Pascual: Caminhei até ela e lhe dei um longo beijo na sua boca fresca e pura. Boca sem beijos.

Tonito: Não!

Pascual: Boca de anjo. Foi então que fugiu correndo de meu fogo, protegendo sua inocência.

Tonito: Chega! Chega! A história é minha. Não vou permitir que se aproprie da minha história. Não foi assim.

Pascual: Quem melhor que eu para saber? Sou mais fiel a suas histórias que o senhor mesmo.

Tonito: Existem detalhes que você não sabe.

Pascual: Duvido.

Tonito: Se equivoca.

Pascual: Que é que eu não sei?

Tonito: Caminhei até ela e...

Pascual: E lhe dei um longo beijo em sua boca fresca.

Tonito: Basta! Sua boca era quente. Ela era quente e insaciável. Não se detinha. Logo me vi nu e devorado por essa boca lasciva. Humilhado por essa amante expert.

Pascual: Não me faça rir. É impossível!

Tonito: Logo eu soube que Teresinha Goitykola tinha violado com a sua boca a inocência de quase todo o claustro estudantil e docente.

Pascual: Silêncio! Infâmia! É uma infâmia! Ela era incapaz. ¡Sujo! Silêncio...

Tonito: É a verdade, amigo.

Pascual: Nada de amigo. Sujo difamador de mulheres.

Tonito: Você não a conheceu!

Pascual: Teresinha é tanto minha como sua. Ou melhor, é mais minha já que parece que não a respeita em sua memória.

Tonito: Mas...

Pascual: Não trocarei uma palavra com o senhor até que se retrate.

Tonito: São minhas lembranças e eu sou o único que tem direitos sobre elas.

Pascual: Ela estava de pé num canto. Seus olhos me anunciavam sua entrega total. Caminhei até ela e lhe dei um longo beijo.

Tonito: Ladrão de lembranças.

Pascual: Em sua boca fresca e pura. Boca sem beijos.

Tonito: A lasciva e o ladrão unidos para roubar-me.

Pascual: Boca de anjo. Ela saiu correndo de meu fogo protegendo sua inocência.

Tonito: Prostituta... prostituta... prostituta...

Pascual: Que pena me dá... Teresinha Goitykola ficará pura e virgem para sempre mesmo que você não queira.

Tonito: Isso acontece comigo por eu ser generoso e compartilhar minha história romântica com um pobre homem que jamais despertou o amor de ninguém e menos ainda de uma mulher.

Pascual: A Teresinha e a mim não nos dói sua crueldade. Todo criador deve ser fiel a suas criaturas.

Tonito: Pois fique com essa! Eu ficarei com o resto de minhas histórias.

Pascual: Que desilusão tão grande. Pode guardar suas lembranças debaixo de sete chaves, mas já não terá quem lhe escute. Um criador sem público é quase nada. Sozinho com suas histórias. Vamos ver quem resiste mais. Teresinha, não falemos mais com ele e pronto.

Tonito: Quando uma mulher se mete entre dois amigos só pode destruir a amizade. Fique com esta perdida! E fala de fidelidade!!!! **(Se afasta)**

Pascual: Agora minha querida chegou a hora de comer. **(Guarda tudo o que há sobre o baú. Começa a por sobre ele tudo que é necessário para comer. Coloca as duas malas ao lado do baú)** Vamos ter um jantar romântico. Que é que você acha deste menu próprio do melhor gourmet? Como aperitivo, uma suculenta rodada de fromage. Logo, um magistral sanduíche de queijo. E como sobremesa, cheese.

Tonito: Não vai conseguir me debilitar pelo estômago.

Pascual: Teresinha, enfim sós. Não deixaremos nem uma migalha para esses pardais incômodos. Hoje os passarinhos farão jejum. Sabe querida, se acabaram as histórias também se acabou o que se dava em troca. Eu sei que você come pouquinho, assim que hoje terei que comer em dobro.

Tonito: (Tira uma caderneta do bolso. Escrevendo) Querido diário, te contarei algo que nunca te disse. É a história de amor mais maravilhosa que já te confiei. O apetite me inspira. Ela se chamava Rosarito Bevilaqua. Eu a conheci em Puna, no lago Titicaca, uma noite de abril. Só a você contarei o que aconteceu, diário meu. Só você saberá o delírio passional desta noite de outono no Titicaca. Tudo começou assim... **(Começa a falar sem que se possa escutar)**

Pascual: Ignoremos Teresinha. Ignoremos.

Tonito: (Rapidamente sobe o volume de sua voz) Sua blusa se deslizou sobre suas costas e descobri... **(Sem som)**

Pascual: Este queijo está delicioso. Me encanta Teresinha quando ele se desmancha na boca. A brandura do queijo em oposição ao pão crocante. Tudo isso dentro da minha boca...

Tonito: A boca como um cristal se partiu em mil beijos. Ela, a mais maravilhosa, a única. Ninguém conheceu mulher mais pura. Eu a tomei entre meus braços e....**(Baixa o som)**

Pascual: Não me importa. Não me importa.

Tonito: Lúbrica e pura. Anjo da minha noite...

Pascual: Isso é crueldade. O pão puro já está quase acabando e o queijo lúbrico está sucumbindo.

Tonito: Nos perdemos em e chegamos ao ... e logo continuamos com... e tudo voltou a começar novamente quando ela me...

Pascual: Basta! Teresinha, é melhor que você vá. Desculpe meu estado mas é inadmissível tanta crueldade.

Tonito: Suas cadeiras abismais me... Seu pescoço branco como a neve se encheu de ... Esse pequeno lunar que suplicava um beijo. Minha língua estendida...

Pascual: Tome, aquí fica com o queijo e o pão. Eu sou bem nascido e este jogo me rebaixa. Tonito, se é preciso que eu me humilhe, farei. Aqui está a comida. Fique com sua amada... a quem você sequer me apresentou.

Tonito: **(Sentando-se avança sobre os restos de comida)**

Pascual: Rosarito Bevilaqua. Que nombre tão inquietante... Assim que você disse que ela se chamava?

Tonito: **(Com a boca cheia)** Sim.

Pascual: Um prazer conhecê-la.

Terceira Jornada

Outro ponto do espaço cênico. Tudo sobre o baú está desarrumado. Alguns livros estão esparramados no chão. Tonito está sentado sobre a mala sobre a qual havia estado Pascual. Ambos adotam alguns gestos e atitudes próprias do outro. Parecem mimetizar-se cada vez mais num mesmo ser.

Um vento, a princípio suave e depois cada vez mais forte, irrompe no cenário.

Pascual: Eu tenho fumado a vida. Tenho deixado e deixo guimbas e guimbas no meu rastro. Toneladas de cinza. Milhões de marcas de cigarro. Seria poético dizer que tenho feito tudo isso para deixar pegadas e conseguir sair do labirinto. Mas nem isso... Nem sequer tenho fumado esperando

alguém... Comigo foi: "aspirar e aspirar fumaça para perder-me". Te contei alguma vez que tive um filho?

Tonito: Como vai ter um filho se não conheceu mulher?

Pascual: Não conheci mulher? Tem certeza? Não era você quem não havia conhecido mulher? Ta certo, era eu. Mas não importa. Tive um filho. São os mistérios da natureza. Nós nos escolhemos. Foi durante um tempo. Eu procurava um filho e ele buscava um pai. Até as pessoas nos achavam parecidos. Muitos filhos carnais não se parecem com seus pais. Isso eu me dizia pra me consolar. Foi uma paternidade bela, enquanto durou.

Tonito: E o que aconteceu com seu filho?

Pascual: Assim como um dia apareceu, outro dia desapareceu. Creio que se fez grande para seguir tendo pai. Ou talvez não cresci eu o suficiente para seguir sendo pai. Um dos dois perdeu o trem. Somos viajantes, amigo, não se esqueça. Se pudéssemos reconstruir prolixamente cada minuto de nossa vida talvez conseguíssemos entender o porque de tantas coisas...

Tonito: Passaríamos o tempo que nos resta tratando infortunadamente de encontrar o que esquecemos. É infinitamente maior o que esquecemos que os poucos retalhos que chamamos nossa vida.

Pascual: Você sempre me corta os impulsos.

Tonito: Meu amigo, você não tem impulsos como qualquer ser humano normal. Digo impulso de disputar uma corrida, de fazer um assado para elevar o espírito. Você tem cada idéia...

Pascual: Necessito saber por que não encontrei ainda meu próprio lugar. Meu maior medo é ter estado nele e com a pressa ou a inércia não ter me dado conta.

Tonito: O passado já é uma ficção tão falsa como o futuro.

Pascual: Alguma vez devo ter sabido o queria. Não posso ser um bicho que gosta de caminhar. Sabe quantos estudos comecei? E eu era bom em tudo... Mas alguma coisa me fazia mudar. Talvez o que eu devesse fazer é ficar aqui quietinho e esperar...

Tonito: (Acendendo um cigarro. Dá um trago.) Eu tenho fumado a vida. Tenho deixado e deixo guimbas e guimbas no meu rastro.

Pascual: O que tem fumado a vida sou eu. Se você não havia fumado até este momento.

Tonito: (Continua fumando indiferente) Toneladas de cinza. Seria poético dizer que tenho feito todo isso para deixar pegadas e sair do labirinto, mas...

Pascual: Chega! Você quer me deixar doido? **(Começa a guardar seus objetos no baú. Logo o fecha e arrasta a bagagem para longe de Tonito)** Mantenha a distância, por favor. Tudo tem limite. Há momentos em que eu já nem sei quem sou. Não sei onde termino eu e onde começa você.. **(Tonito olha para ele, como saindo de um sonho. Leva um tempo pra raciocinar. Percebe que ficou esquecido ao seu lado um livro de Pascual)**

O vento sopra cada vez com mais força.

Tonito: (Levanta o livro) Você esqueceu isso.

Pascual: (Sem olhar para ele) Que?

Tonito: Um livro.

Pascual: Qual?

Tonito: Tem a capa rasgada. Não tem título.

Pascual: Leia qualquer página. E eu reconhecerei.

Tonito: (Lee) *“Terei dormido enquanto os outros sofriam? Acaso durmo neste instante? Amanhã quando achar que despertei, que direi sobre este dia? Que fiquei esperando Godot, com Estragón, meu amigo, neste lugar, até que caiu a noite?”*

Pascual: “Esperando Godot”. Dois homens esperam por um terceiro que os salvará.

Tonito: E demora muito?

Pascual: Não chega nunca.

Tonito: Pobres desgraçados. E realmente acreditavam que alguém os salvaria?

Pascual: Eram tempos de salvadores.

Tonito: Nós temos uma vantagem sobre eles.

Pascual: Qual?

Tonito: Não esperamos profetas. Já sabemos que somos órfãos. Simplesmente esperamos funcionários. Nós só queremos encontrar um lugar para viver.

Pascual: Creio que os funcionários, como os profetas, não cumprem os compromissos.

Tonito: Pelo que vejo o senhor se tranquilizou. Pega o seu livro. Não quero nada seu. Ficarei neste canto mais longe para evitar confusões.

Pascual: Desculpe. Não quis ser descortês. Você não tem culpa.

Tonito: Sempre tem que haver um culpado.

Pascual: Talvez seja este maldito vento do norte que me encrespa as idéias.

Tonito: Ah, então é assim?! Pois o senhor vento já verá quem pode mais.

Sopremos. Se ele pode soprar nós também podemos.

Pascual: Você está ficando louco.

Tonito: Encha os pulmões e sopra.

Pascual: Não pretende ganhar do vento.

Tonito: Quem sabe.

Pascual: Louco. Está totalmente louco.

Tonito: Vamos sopra. Tente.

Pascual: Vou fazer só para te deixar feliz.

Tonito: Mais ânimo. De novo! Melhor, muito melhor. Agora juntos.

Pascual: Não vai dar resultado.

Tonito: Mais forte! Mais forte! **(Caem no chão os dois devido ao esforço)**

Pascual: Ânimo! Vamos juntos.

Tonito: Chega! **(Volta a cair)**

Pascual: Está cedendo, o vento está cedendo. **(Levanta Tonito).** Vamos!

Tonito: Con todo o ar.

Pascual: Agora! **(Caem)** Vamos outra vez! **(Tenta levantar-se)**

Tonito: Aceitemos a derrota.

Pascual: Você me confunde. Primeiro me incita a fazê-lo e quando me convence se dá por vencido.

Tonito: É simples, companheiro. Sempre luto com o vento. Sei que é uma batalha impossível, mas é uma derrota maravilhosa.

Pascual: Maravillosa. **(Riem esgotados)**

Quarta Jornada

Num canto os dois estão sentados de costas contra costas. Parecem adormecidos. O baú e as malas estão esparramadas por todo o espaço. Livros, papéis, alguns presentes estão disseminados pelo piso. A urna funerária está derramada.

Pascual: (Despertando sobressaltado) Você está aí?

Tonito: Sim, estou. Você não me vê?

Pascual: Além de vê-lo necessito saber se está aí. Podia fugir com o pensamento.

Tonito: Estou.

Pascual: Acordei com medo. Tive um sonho horrível.

Tonito: Agora está acordado.

Pascual: Suponho que sim... Mas fica o medo.

Tonito: Não perca o controle.

Pascual: Era um lugar ermo enorme e desolado. Ao longe se via a fronteira. Uma linha verde intensa. Do outro lado havia campos semeados, árvores, um rio... Eu corria por este ermo até o limite. Corria, corria... e a linha parecia estar mais próxima, mas logo se distanciava, inexplicavelmente se distanciava. A fronteira estava viva e escapava. Eu estava descalço e as pedras me machucavam.

Tonito: Calma.

Pascual: Se eu contar, me acalmarei.. Não posso ficar sozinho com este sonho.

Tonito: As pedras te machucavam...

Pascual: Então, parei. Deixei de correr. Dei as costas à fronteira. Troquei de estratégia e comecei a retroceder lentamente, lentamente até ela sem lhe dar importância. **(Assustado)** Você está aí?

Tonito: Sim, te escuto.

Pascual: Um passo pequeno e outro passo pequeno...

Tonito: E ela se mexia?

Pascual: Não pergunte. Eu dizia: passo... a passo. Eu olhava com o rabilho do olho. A muito boba estava desorientada por minha atitude. Metodicamente e com aparente indiferença consegui chegar a roça-la com meus pés sangrentes, então...

Tonito: Voltou a se mexer?

Pascual: Silêncio. Não me interrompa. Levantei o pé direito e consegui atravessá-la. Senti o pasto fofo e fresco debaixo da planta do pé.

Tonito: Maravilloso.

Pascual: Cruzei rapidamente meu pé esquerdo.

Tonito: Eu não estava no sonho?

Pascual: Silêncio. Por fim tinha cruzado a fronteira.

Tonito: Bravo!. Bravo!.

Pascual: Shhhh. Foi então que...

Tonito: Então que?

Pascual: Então que a porca fez sua jogada mais suja.

Tonito: Moveu o limite, claro que moveu o limite.

Pascual: Foi mais terrível querido amigo. Mais monstruoso. Tudo o que era verde e frondoso se converteu em ermo e minha antiga terra floresceu. Voltava a estar em uma terra desabitada, inóspita e voltava as correr atrás de outra fronteira que inexoravelmente fugia de mim.

Tonito: A fronteira é sempre distante.

Pascual: Não vá embora.

Tonito: Onde poderia ir?

Pascual: Também não durma. Olhe fixo pra mim. Isso me acalma.

Tonito: Seus pés! Estão sangrando.

Pascual: Meus sonhos são tão vivos.

Tonito: Às vezes me pergunto se todo isso não será um sonho. Na realidade está a lógica e no sonho o sem sentido.

Pascual: Os pesadelos não duram tanto. E eu temo que a realidade já não seja lógica. O sem sentido que vivemos é a realidade.

Tonito: Deixe que eu cure as suas feridas.

Pascual: Prefiro que me abrace. Diga algo que me anime.

Tonito: Não chore, é preciso ter confiança.

Pascual: Confianza em que?

Tonito: Por exemplo em que não estaremos pior do que agora.

Pascual: Eu não estaria tão seguro, antes de minhas feridas dizia o mesmo.

Tonito: Então pensemos que com tempo e constância conseguiremos.

Pascual: Estamos no outono da vida. Não nos resta muito tempo.

Tonito: Colabore! Está me está angustiando. Colabore um poquinho. Talvez... tudo isso é uma prova e logo obteremos... o prêmio por nosso sacrifício.

Pascual: Nos prometeram tantas coisas que nunca se cumpriram... Fizemos tantos sacrifícios... passamos por tantas provas...

Tonito: Chega! Hoje nada te conforta. Pensemos só nisto: amanhã podemos estar mortos e os vermes de deleitando conosco. Aproveitemos que ainda estamos vivos. Futuro cadáver, chega de chorar!.

Pascual: Quando você quer, consegue ser convincente. Será que perdemos os ideais ou os ideais nos perderam. Abrace-me.

Tonito: Será?

Pascual: Ninguém nos vê.

Tonito: É melhor que não. Tenho medo de me angustiar. Se começarmos a chorar talvez não paremos nunca. Respiremos fundo melhor. Relaxemos. Se houvesse uma poça nos molharíamos. Isso sempre deu resultado para mim.

Pascual: Faz tempo que não chove.

Tonito: Eu tenho a solução. Venha. (Ambos se põem de costas) Pisssssss.

Pascual: Será?

Tonito: Vamos. Pisssssssss. Não seja tímido.

Pascual: Pisssssssss.

Tonito: Muito bem, amigo. Uma verdadeira poça.

Pascual: Preferiria um pouco de mar.

Tonito: Não tenho vontade. Vamos nos molhar. Tire os sapatos.

Pascual: Não, prefiro chorar. São nossos próprios excrementos.

Tonito: Tudo é obra de Deus.

Pascual: Será?

Tonito: **(Que começou a mergulhar e se molhar)** Isso é que é divertido. Como relaxa! Venha. Venha.

Pascual: **(Olhando)** Não me parece muito civilizado.

Tonito: Não sabe o que está perdendo. Nunca brincou com cocô?

Pascual: Nossa conversa está decaindo.

Tonito: Nunca tocou em seu próprio cocô? Não sabe o que perdeu!.

Pascual: Que nojo!

Tonito: Não digo comer. Digo tocar.

Pascual: Prefiro chorar.

Tonito: Houve santos que chegaram a comer sus excrementos.

Pascual: Não blasfeme.

Tonito: Venha que está muito tenso. Ou está com medo?

Pascual: Eu não tenho medo, é dignidade.

Tonito: Já te disse que eu a matei. Venha. A gente se sente tão fresco. Na antiguidade, existiam doenças que se curava com urina.

Pascual: Sério? **(Animándose)** Eu quero deixar claro que o faço só por mera curiosidade. Veremos se é tão maravilhoso. **(Quando vai mergulhar o pé)**
Um momento, como sei qual é o seu xixi e qual é o meu?

Tonito: Mestiçagem urinária, companheiro.

Pascual: É estranho!

Tonito: Vamos nos molhar. **(Brincam)**

Pascual: Mestiçagem urinária, companheiro!

Tonito: Mestiçagem urinária, companheiro!

A luz se funde enquanto os homens brincam e riem como meninos.

FIM

Santiago Serrano
santiagoms_2000@yahoo.com